

Referindo-se à civilização industrial, Bergson declara que só «um acidente fez com que o maquinismo não realizasse a sua finalidade mística» (a mística chama a mecânica e vice-versa). Aos afáques à ciência e à Razão junta-se a crítica da sociedade industrial, da civilização mecânica.

Bergson toma posição contra os excessos dessa civilização e, para equilibrar o desenvolvimento das técnicas, reclama um **suplemento de alma**, um regresso aos valores espirituais. O homem abafa nesta civilização, que lhe tira o melhor de si mesmo—os seus valores. E' mister que se volte para si, que tome consciência dos seus valores, do seu ser espiritual.

O Bergsonismo vai ao encontro dos movimentos espiritualistas e místicos dos intelectuais do Ocidente.

Alastram os movimentos de idéas em que se ataca a ciência, a técnica, a civilização mecânica, em que se pedem **suplementos de alma**, em que se exaltam a intuição, os valores espirituais, a espiritualidade do homem interior, etc.

A influência do Bergsonismo sobre todos estes movimentos é incontestável; êle vale mesmo pela sua **significação** e no tempo em que surgiu, essa **significação** foi, relativamente à nossa época, pequena (dizendo que certo movimento tem **significação** queremos dizer que exprime um momento histórico).

No meio intelectual dominam a desconfiança na Razão e na Ciência, a negação do progresso, o combate à civilização mecânica, que **degrada o homem**, abafando nêlo os valores espirituais, o apêlo às forças psíquicas profundas.

Opõe-se a **qualidade** à **quantidade** (e as respectivas civilizações), a **variedade** à **uniformidade** para que **tende a sociedade industrial**.

Em França os movimentos retrógrados ganham alento. Grupos como «Esprit» e «Ordre Nouveau» propõem uma «revolução personalista», um regresso à Idade-Média.

Em toda a parte, dum modo geral, triunfam os movimentos retrospectivos baseados no irracionalismo e no misticismo (de várias espécies), encobrindo-se, por vezes, sob uma falsa audácia na crítica da sociedade e dos costumes, sob um falso espírito modificador, como, por exemplo, o nacional-socialismo.

A filosofia e a literatura misturam-se—o pseudo-filósofo faz uma filosofia literata e os poetas e romancistas, poemas e romances pseudo-filosóficos. Todos atacando a civilização mecânica, o materialismo, propondo **suplementos de alma**, **civilização de qualidade**, **variedade**, etc.

Na América critica-se a civilização mecânica, a **burguezia americana**, a sua futilidade, os seus costumes.

John dos Passos, Dreiser, Ludwig Lewisohn, traduzem a inquietação perante a sociedade industrial americana. Waldo Franck em «Nova descoberta da América» critica a civilização técnica do capitalismo.

Alguns escritores e artistas, reunidos em volta de **Masses**, **New Masses**, **Liberator**, vão até à crítica social, à raiz da crise. Outros evadem-se da realidade, refugiam-se na **arte pela arte** ou na boémia.

Na Europa, os intelectuais espiritualistas combatem a civilização americana, as conseqüências do seu exemplo na Europa.

Duhamel vai à América e traz de lá dolorosas impressões para a **Intelligentsia** ocidental. A América oferece a antecipação da sociedade industrial—«uma civilização monstruosa que, pouco a pouco, vai contaminando as velhas civilizações». Duhamel lança um apêlo patético para que se salvem «as velhas civilizações» do contágio americano. E' necessário banir toda a influência americana, começando pelo vestuário, pelos costumes.

Salve-se a civilização ocidental—a civilização da qualidade—os valores espirituais, a variedade, as forças profundas da alma, a vida interior. Peça-se a ajuda espiritual do misticismo organizado!

A «Intelligentsia» reúne as suas vozes neste côro. Filósofos, alguns cientistas, como C. Nicolle e Alexis Carrel, romancistas e muitos poetas, todos trazem a sua pedra para a construção do edifício irracionalista do Anti-progresso.

Místicos como Heidegger, Kierkegaard e Berdiaeff, alcançam nesta época um sucesso extraordinário. Muitos pensadores, como Spengler, Kayserling, Jaspers, gozam de enorme popularidade. Todos êles denunciam o mal que a técnica trouxe à **velha civilização da qualidade**, o modo como ela tinha contribuído para a desagregação da antiga cultura.

Kayserling e Spengler, sobretudo, mostram-se bastante pessimistas quanto aos destinos do Ocidente. Kayserling opõe ao homem da civilização técnica—que êle designa por homem de tipo **chauffeur**—o homem interior, que considera o homem perfeito.

Spengler mistura às suas idéas sobre a decadência do Ocidente numerosos preconceitos racionais. O mal vem de se ter posto a técnica nas mãos de raças inferiores, que as empregam sem **vontade de poder** espiritual, mas apenas com fins utilitários.

A influência de Nietzsche não deve também esquecer-se: muitas das suas criações filosóficas ficaram a fazer parte integrante da consciência de muitos intelectuais subjectivistas megalómanos, pretendendo também alguns políticos fundar o seu poder pela **vontade de poder**.

Notemos, de passagem, a influência considerável do movimento irracionalista e anti-técnico sobre as idéas e realizações políticas (planos de restrição das técnicas de Joseph Caillaux, projectos de desindustrialização do III Reich, etc.).

Se formos analisar as obras dos chamados **grandes escritores** dos últimos anos, desde um Duhamel, dum Valery ou de um Joyce até aos nossos subjectivistas, que encontramos?

Em primeiro lugar, a falta de um ideal humano (social) que lhes dê o temas das suas obras, a negação do progresso e da viabilidade das grandes idéas do século XIX, o cepticismo perante a ciência, atira-os para o isolamento, para o exercício da atenção sobre si próprios—para as profundidades da sua psicologia,—para o delírio subjectivista e metafísico. Abundam as invenções de psicologia (que mul-

tos têm o talento de fazer passar como autênticas realidades), os bizantinismos em volta de temas imensamente fúteis, o renascimento da crença nos mistérios (para isso os conduziu o intuícionismo). Enquanto alguns, sinceramente ou não convencidos de que «nada há a fazer pela humanidade» se embrenham na selva da sua psicologia, outros entretêm-se em puros jogos malabares a que chamam **arte pela arte**, **arte desinteressada**, **arte pura—arte livre**.

Em todos, porém, se vê o desinteresse pela vida social, tácita ou expressamente confessado. A gala nas complicações subjectivas, e até, por vezes, em inferioridades morais e sexuais (alguns confessam-se mentirosos, cínicos, hipócritas) traduzem a sua vontade de se distinguir, de ser único, original, que os domina e de que resulta o egocentrismo que caracteriza muitos dêles, senão a sua quasi totalidade (ê a **qualidade**, a **variedade**, a **originalidade** de que falavam Bergson e Duhamel).

Não devemos esquecer-nos de que se trata de intelectuais formados na sociedade actual. «Toda a crise filosófica e moral dos valores no Ocidente, está ligada, sob o ponto de vista em que nos colocámos (e que não se pode desprezar numa história não superficial das idéas) a duas dezenas de breves de engenheiros e às descobertas de laboratório de que êles desenvolveram as aplicações» (George Friedmann—«Crise do Progresso»).

Está ligada às técnicas, à evolução económica e social e às suas crises.

Parece, pois, que os intelectuais subjectivistas são realmente muito mais **terrenos** do que se imaginam.

Para terminar, resta referir o facto de alguns intelectuais subjectivistas, julgando-se adeptos (intelectualmente, claro está) de certos fins sociais (são poucos êsses intelectuais subjectivistas—a maioria é **a-política**) favorecem na realidade fins muito diferentes.

Disse-o muito bem Rodrigo Soares, nestã mesma revista: «o que é lamentável é que inconscientemente, os intelectuais subjectivistas sirvam aquêles interesses que só têm a lucrar com as fugas para o reino abstracto da cultura e com as ofensivas contra o espirito realista. O destino infeliz dos subjectivistas é servirem aquêles que temem a verdade e por isso preferem o metafísico ao humano, o psicológico «puro» ao social, o abstracto ao concreto... Triste destino, irónico destino o dos subjectivistas: servirem a mistificação contra a verdade e os mitos e fetiches contra a vida, **julgando-se livres!**...».

E assim é, de facto. Lamentável mas incontestavelmente verdadeiro!...

NOTA—No presente trabalho pouco mais que o **arranjo me pertence**. Segui muito de perto o belo ensaio de Georges Friedmann **La crise du progrès**, que interessa altamente a quem quiser estudar o assunto a sério. E' também recomendável **La conscience mystifiée** de N. Guterman e H. Lefebvre. Se bem que não tenha a documentação do livro de Friedmann, oferece fúteis elementos para a compreensão da crise moral e intelectual dos últimos anos.

(Continuação da página dez)

Vão ser oito meses de intensas operações, sem relêvos nem férias—sempre no **front**. Para ser bem como no velho **front** nem faltam plôlhos nesta valente soldadesca do trabalho, e o pré também anda ela por ela. E os mutilados?! Só há relêvo quando aperta com o pobre alguma malleita que o leve ao hospital. Também adrega, é claro. Durante oito meses, em tanta gente, algum por aí fica, cada ano. Aqui há tempo, um rapaz morreu aí para uma grande herdade, vítima do varapau do moiral. Não tinha pai nem tio nem primo, noutras maltas das redondezas e naturalmente o moiral bebia aguardente a mais para aquecer nas madrugadas. Como andam sempre ao alto atrás do rancho, e as madrugadas vão muito frias, alguns moirais metem-se na aguardente. E um ou outro tem muita força de gênio! Depois o mocinho adoeceu e nem chegou a entrar no hospital. Ficou lá mesmo na aldeia. Ainda se falou nisso por aí, mas o **jus consuetudinis** certamente previa o caso.

As mulheres são mais felizes. Sempre são mulheres! Muitos sábados têm ballarico

à porta do quartel. O moiral vende cafés e aguardente. Algum dos da malta toca harmónio. Vem a ganharia da herdade; e às vezes até vem o feitor, se é novo, e os filhos do patrão. No domingo seguinte há trabalho à mesma. Como se ganha ao mês, trabalha-se mesmo nos dias da missa dominical. Apenas um domingo cada mês e certos dias santos não se trabalha. Mas modernamente isto tende a acabar. Já em muitas maltas o regime vem sendo o de um só dia de descanso, cada mês, à conta patronal. Domingo, ou dia santo, ou quando queiram, mas um só dia cada mês. Para efeito de dias santos, os patrões são laicos; para o de dias feriados, são retrógrados.

Ao fim dos oito meses, a grande alegria de voltar à terra. Os velhos partem mais chupados de carnes e mais curvados; as raparigas começaram a murchar antes do tempo; e os rapazitos—os lustrados!—os pequenos lustrados de sempre, que não valem cuidados de grandes senhores, entraram sabendo por si mesmos como a vida é luta. E não foi preciso ninguém explicá-lho; na sua tenra carne o aprenderam.

JORGE VICTOR